



## Transicionando a Matemática: Reflexões sobre travestilidade, transexualidade e Educação Matemática.

### Transitioning Mathematics: Reflections on travestilidades, transsexuality and Mathematics Education

Erikah Pinto Souza<sup>1</sup>  
Jéssica Maria Oliveira de Luna<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, que busca refletir sobre os diversos contextos e vivências de corpos outros, que não os estabelecidos pela cis-heteronormatividade, na área de Educação Matemática, que estão inseridas/os/es em diferentes níveis/etapas de ensino, em instituições diversas, bem como toda a trajetória que foi construída por meio do movimento social organizado dessa população, para que pudessem adentrar e se estabelecer nos espaços educacionais. As reflexões trazidas nos dão entendimentos sobre os desafios e paradigmas enfrentados por essas pessoas, bem como as alternativas encontradas por elas para enfrentar as opressões vividas. Nesse texto apresentaremos alguns apontamentos iniciais sobre cada uma das partes elencadas, trazendo pesquisadoras/es/ies, em especial as/os trans e travestis, que reforçam a necessidade de ocupação de espaços onde a matemática é desenvolvida, por estes corpos.

**Palavras-chave:** Transexualidade. Travestilidade. Educação Matemática. Virada Sociopolítica.

**Abstract:** This article is an excerpt from a doctoral research in development, which seeks to reflect on the different contexts and experiences of other bodies, which are not established by cis-heteronormativity, in the area of Mathematics Education, which are inserted in different levels/stages of education, in different institutions, as well as the entire trajectory that was built through the organized social movement of this population, so that they could enter and establish themselves in educational spaces. The reflections brought do not understand us about the challenges and paradigms faced by these people, as well as the alternatives they found to face the oppression they experience. In this text we will present some initial notes on each of the parties listed, bringing researchers, especially trans and transvestites, who reinforce the need for these bodies to occupy spaces where mathematics is developed.

**Keywords:** Transsexuality. Travestilidade. Mathematics Education. Sociopolitical Turn.

#### 1.Introdução

##### 1.1 Erikah Pinto Souza – Travesti e professora de Matemática.

Inicialmente gostaria de situar a minha chegada na área, enquanto corpo dissidente, para que todas/es/os possam compreender o trajeto construído e o que despertou meu interesse em ser professora de matemática. Desde muito cedo eu sempre me interessei por estar dentro do ambiente escolar. Estar na escola me fascinava, vivenciar o cotidiano daquele espaço fazia me sentir feliz e completa, muito embora por vezes, muitas vezes, ele tratava de me afastar me fazendo pensar até em desistir.

Dever ser complicado tentar compreender a palavra “desistir” dentro de uma situação que não deveria ter outro sentido que o de acolher. Mas isso é uma incógnita, por vezes para

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil – ✉ [souzaerikahp@gmail.com](mailto:souzaerikahp@gmail.com). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2647-0655>

<sup>2</sup> Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias – Duque de Caxias – Rio de Janeiro – Brasil – ✉ [jessicamluna@gmail.com](mailto:jessicamluna@gmail.com). ORCID <http://orcid.org/0000-0001-5543-6627>



pessoas que estão dentro das ditas “normais sociais” (cis-heteronormas), quem dirá para uma garota travesti em meados dos anos 90. Sim, eu sempre fui apaixonada pela escola, mas pelo fato de ser travesti, muitas vezes, essa paixão virou medo de estar ali. Porém, mesmo com todas as violências cotidianas que, na época, sequer eram entendidas ou debatidas, eu insisti. Ia à escola, tentava de todas as formas romper essas barreiras, mesmo muito nova e sem compreensão alguma sobre o que estava acontecendo, eu queria estar lá.

Passaram-se os anos, as violências ficaram cada dia piores, mas a paixão pela escola e a vontade de vencer, principalmente por conta de todas as falas cotidianas da minha mãe (dona Lourdes), me faziam acreditar que um dia daria tudo certo. Aos poucos, essa vontade de ir sempre à escola foi se transformando num desejo enorme de ser professora, e eu acredito que desde o começo, quando eu tive maturidade, mesmo que mínima, de poder visualizar uma profissão para o futuro, eu sabia que seria professora.

E assim segui, rompendo barreiras (que não deveriam sequer existir), principalmente porque o direito à educação é para todas as pessoas. Mas não foi fácil, aliás ainda não é nada fácil, lidar cotidianamente com apagamentos e invisibilizações, mas continuo. Ao final do Ensino Médio, precisava prestar vestibular e tinha em mente que seria professora. Mas ao mesmo tempo que tinha esse desejo, precisava trabalhar, agora de maneira formal enquanto maior de dezoito anos que seria, pois antes já trabalhava por meio de estágios. Refleti muito e naquele momento, seguindo conselhos de amigas, acabei prestando vestibular para Engenharia de Alimentos.

Mas uma pergunta pode ser feita, como me tornei professora de matemática, fiz vestibular para engenharia de alimentos? Eu prestei vestibular para essa área, que naquele período estava em ascendência no meu estado (Ceará), mas logo o sonho da engenharia acabou, mesmo passando não tive como cursar, pois, se tratava de um curso diurno e integral e eu precisava trabalhar para ajudar minha mãe com as despesas de casa. Porém, ao mesmo tempo que fiz o vestibular para engenharia, também realizei o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que estava vinculado ao Programa Universidade Para Todos – PROUNI. Por meio da nota do ENEM me inscrevi para o PROUNI para concorrer a bolsas de estudos de 100% em universidade particulares, e consegui uma bolsa no curso de Administração Financeira. O curso por ser noturno facilitou muito a minha vida, pois pude iniciar e concluir e ainda trabalhar.

Mesmo trabalhando na área de administração, passei o período todo do curso estudando muita matemática, e ainda com o desejo imenso de ser professora, foi então que ao final da graduação em Administração Financeira, entrei como graduada no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Ceará – UECE e pude concretizar o meu sonho de ser professora. Com a ajuda da Administração de Finanças pude descobrir a paixão que era ensinar matemática para as pessoas. Meu período no curso foi muito proveitoso e satisfatório, bem mais saudável que na graduação anterior, diga-se de passagem, acredito que por estar fazendo o que sempre sonhei. Antes de concluir a licenciatura, já fui procurar trabalho como professora e por ser uma travesti, estava bem no começo de uma série de desafios que enfrentaria trabalhando na educação, sobretudo na matemática.

Os processos que me fizeram ser a professora que sou hoje foram muito dolorosos, cada seleção para uma vaga (principalmente porque à época eu ainda não feito a retificação do nome civil), cada início de período letivo e cada escola nova era um desafio, que faziam repensar sempre se ali era realmente meu lugar. E era sim, sempre foi e sempre será o lugar de todas nós pessoas trans e travestis, a escola é nossa. Uma das minhas primeiras experiências foi numa escola indígena, localizada no município de Maracanaú-CE, foi lá que tive as primeiras possibilidades de poder pensar um ensino de matemática que fosse inclusivo e que possibilitasse



vivências múltiplas para além do que nos é historicamente posto.

Foi naquela escola que iniciei, de forma bem tímida, minha pesquisa pedagógica, para planejamentos, sobre o que a época eu nem sabia que era a Educação Matemática. Pensando em contextos que pudessem ser potencialmente transformadores na vida daquela comunidade, foi que descobri um pouco sobre a Etnomatemática e suas possíveis interlocuções dentro daquele ambiente:

Etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetos e tradições comuns aos grupos (D'Ambrósio, 2020. p. 9).

Foi a partir dessa observação, onde tentei refletir sobre a realidade daquela e escola, e com o interesse de tornar às minhas aulas mais atrativas, que comecei a pensar como deveria articular as minhas vivências enquanto professora de matemática e travesti, para tentar modificar, mesmo que minimamente, os discursos segregadores para com a população de pessoas trans e travestis. Dessa forma levei dados sobre as violências contra pessoas trans e travestis, para turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, articulando a temática com objetos de conhecimentos matemáticos e discussões sobre essa problemática social, o que logo em seguida seria refletido também em uma sala de formação de professores/as de matemática (Erikah Souza; Francisco Vieira da Silva, 2021, p. 36), quando estive na função de formadora.

Durante toda a minha trajetória pude vivenciar vários espaços dentro da escola: fui coordenadora e diretora escolar, formadora e coordenadora de ensino de uma rede de ensino e em todos esses momentos levei a pauta da transexualidade/travestilidade atrelada ao meu corpo, para que pudéssemos tornar a escola um lugar de fato inclusivo e acolhedor. Ser professora de matemática me credibilizou por muitas vezes, mas também me colou em diversas situações desagradáveis, como por exemplo me fazerem acreditar que aquele lugar não era para mim. Mas é, é meu também, sobretudo porque é um lugar para todas as pessoas.

De todas essas vivências surge a vontade de poder entrar em mais espaços, para além da escola, e foi no mestrado que iniciei o processo de poder transformar toda essa trajetória potente que temos, enquanto professores e professoras trans e travestis, em pesquisa, para assim potencializar nossas existências em todas as possibilidades. Foi enquanto pesquisadora que pude mostrar como professoras trans e travestis podem sim ter sucesso, mesmo com todas as barreiras enfrentadas (Erikah Souza, 2022), com a colaboração de outras pesquisas que são marco temporal da temática (e.g. Luma Andrade, 2012; Megg Rayara Oliveira, 2016; Jaqueline Gomes de Jesus, 2014).

Falar sobre transexualidade e travestilidade nunca foi tão emergente como é agora. As pesquisas que precederam esta, darão a garantia que necessitamos para desenvolver discursos e debates que ajudarão a mediar conflitos, principalmente, em decorrência da chegada, mais que justa, de corpos que dissidem, dos que historicamente ocupam a (educação) matemática. Acreditamos que refletir sobre essas identidades e diferenças que estão emergindo e fazendo a mudança tão necessária em nossa área, se faz urgente, para elucidar de forma real a visualização de uma educação matemática mais inclusiva.

Diante do exposto trataremos aqui alguns apontamentos iniciais, complementando os que já foram trazidos nesta introdução enquanto parte do memorial, que orientam a historicidade, as vivências e ocupação de corpos trans e travestis na (educação) matemática, bem como traçando os impactos positivos e as situações de caráter negativo que essas pessoas



vivenciam e dessa forma pensar em mecanismos que modifiquem e tornem os ambientes onde a matemática é desenvolvida em lugar mais acolhedor e inclusivo.

## 2. Problemática da Pesquisa

Com o a possibilidade de existência de corpos outros, diferentes dos historicamente autorizados para fazer matemática, ou seja, aqueles que obedecem às normas e estão dentro de uma construção cis-heteropatriarcal (homem, branco e cisgênero), surgem as muitas inquietações sobre como tudo isso se dá dentro de ambientes extremamente hostis e excludentes. Alguns questionamentos que podemos trazer, para de alguma forma caracterizar essa exclusão são: Quais corpos podem produzir/fazer (Educação) Matemática? Quem tem a chancela de liberação, para dizer quem pode ou quem não pode produzir discursos que questionem a (Educação) Matemática? Por quê devemos pensar sobre as questões de gênero e sexualidade em (Educação) Matemática para tentar mediar situações que promovam um ambiente mais acolhedor e inclusivo, principalmente para corpos que são dissidentes?

É pensando nesses questionamentos que podemos iniciar algumas reflexões sobre como a presença de pessoas trans e travestis na educação e sobretudo na (educação) matemática, podem gerar debates que são, por vezes, potencialmente excludentes. Para apresentar como corpos que dissidem chegam à espaços potencialmente excludentes, traremos ideias sobre a formação do movimento de mulheres trans e travestis no Brasil – tais como Jovanna Baby (2021) e Maria Clara Passos (2022), fornecendo elementos constitutivos desse processo contínuo e revolucionário, que perpassa as fronteiras da esquina e chega na sala de aula.

Pensar na presença de pessoas trans e travestis em todos os ambientes, entres estes os educacionais, é elencar, por meio das análises cotidianas, as violências que essa população sofre de forma potencial. Nome social que não é respeitado, muitas vezes por falta de sensibilidade dos/as próprios/as docentes, pela comunidade escolar, não acesso ao banheiro, de acordo com sua identidade de gênero, e as diversas formas de bullying praticadas de forma velada ou mesmo explícita, o que, infelizmente, provoca a expulsão escolar.

Vale destacar que, todo esse percurso de chegada dessa população em meio a tanta invisibilidade e violência, só foi possível por conta de período longínquo de repressões e de vivências a margem, que ainda se sustenta na contemporaneidade, e sobretudo pela organização política dessas sujeitas que cansaram de ser excluídas, terem seus direitos cerceados e suas vidas ceifadas. Tudo isso, pelo fato da descredibilização das suas existências e naturalização das suas presenças nos diversos ambientes, tal como a seguir:

A travesti que surgia do gueto, das esquinas, das periferias, da negritude e na marginalização de corpos que não constava na literatura médica ou nas escrituras sagradas, hoje abre espaço para aquelas que pouco ou nada sabem sobre os próprios caminhos, e que foram abertos no passado (Sara York; Megg Rayara de Oliveira; Bruna Benevides, 2020, p. 6)

Diante de todas as lutas travadas pelo movimento social de travestis e mulheres trans, alguns direitos mínimos foram garantidos, como é o caso do uso do nome social, por meio do Decreto Presidencial 8727 de 28 de abril de 2016 somado a Resolução de nº 1 de janeiro de 2018 do Conselho Nacional de Educação – CNE, que asseguram, mesmo que minimamente, o início do percurso garantia de cidadania dessa população. Tais percursos e conquistas tratam de fornecer subsídio para o ingresso dessas pessoas a ambientes que antes não eram possíveis.

Mas como garantir a (sobre)vivência de pessoas trans e travestis em ambientes nunca



visualizados (e insalubres) que são potencialmente excludentes como é no caso da (Educação) Matemática? Perguntas como essa nos trazem reflexões sobre como é importante tratar sobre as questões de gênero e sexualidade em todos os componentes curriculares. Precisamos garantir o debate com propósito de elucidar múltiplas vivências dentro desses ambientes. E é pensando nessa garantia e que devemos e podemos tornar os lugares onde a matemática é desenvolvida em espaços inclusivos, pois

O estudo das questões referentes a gêneros e sexualidades já é consolidado nas pesquisas em Educação, mas ainda pouco abordado em Educação Matemática. É importante que tais investigações sejam mobilizadas, uma vez que tal área, em parte, ainda carrega uma isenção no que diz respeito às questões socioculturais e políticas, nesse sentido, atrelar essa especificidade é primordial para que haja avanços nesse diálogo (Washington Reis; Agnaldo Esquincalha, 2022, p. 64).

Mesmo com uma mobilização emergente, que culmina nas ações do movimento social organizado de pessoas trans e travestis, nas políticas públicas implementadas, como podemos citar o uso do nome social e o uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero (ditos anteriormente), para garantir o acesso de pessoas trans e travestis em ambientes diversos, o que vemos são situações cotidianas de apagamentos, culminadas com o silenciamento social que potencializa a violência e nos coloca no ranking como o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo (ANTRA, 2023), pelo decimo quarto ano consecutivo. E isso é configurado dentro do ambiente escolar/educacional e reforçado quando não há respeito destes dispositivos sociais e quando nos privam de estarmos em espaços antes não possíveis.

Observando tantas negligências, seja por não respeitar as diferenças que são possíveis para uma sala de aula, seja pela própria produção de um discurso, que já deveria estar em desuso, que reforça a falta de formação docente no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade, precisamos reverter essa situação, assim como nos apontam (Hygor Guse, Tadeu Waise e Agnaldo Esquincalha 2020, p. 6):

Sendo o espaço escolar um ambiente (re)produtor de preconceitos e discriminações, é necessário que os(as) profissionais da educação, incluindo-se os(as) professores(as) de matemática, promovam o respeito e a valorização da diversidade, em particular de gênero e sexual, a fim de contribuir para a constituição de uma sociedade livre de preconceitos.

Desta forma e tentando romper com estigmas anteriormente elencados, apresentaremos a seguir, a estrutura inicial da tese em desenvolvimento, que partirá de um pressuposto de avivamento de pessoas trans e travestis que foram impedidas de estarem nos espaços educacionais, sobretudo em ambientes onde a matemática é produzida e desenvolvida, mas que com o passar dos tempos tem começado a ocupar esses lugares e construíram narrativas de empoderamento por meio das possibilidades e das impossibilidades, por esperanças e aspirações, bem como por medos e aversões (Ole Skovsmose, 2018). Para isso estruturaremos as reflexões organizadas nos seguintes tópicos que representarão as ideias iniciais da tese *multipaper*, que de acordo com Frank (2013), é um conjunto de artigos científicos que possuem seus próprios objetivos, revisão de literatura, métodos de pesquisa, resultados, discussões e conclusões, a saber: Artigo 1 – Contexto histórico dos movimentos sociais de pessoas trans e travestis no Brasil e a estruturação do movimento de pessoas trans e travestis na Educação e na Educação Matemática; Artigo 2 – (R)existência de corpos trans e travestis – entre oportunidades e apagamentos - em Educação Matemática e Artigo 3 – Vivências e (Sobre)vivência de uma



docente trans na matemática.

### 3. Desenvolvimento

Demarcar os espaços e potencializar a inclusão de minorias sociais em contextos diversos é urgente. Pensar em pessoas trans e travestis adentrando ambientes que jamais foram pensados, como é o caso da matemática, só foi possível devido a toda uma construção de movimento social organizado que, inicialmente, foi constituído tendo como base a luta por acesso à saúde e o enfrentamento da epidemia de HIV/Aids (III Encontro Nacional de Travestis e Transexuais na luta contra a aids (Entlaids) no Rio de Janeiro, em 1985).

A partir da garantia ao acesso as políticas públicas de saúde, foi que se percebeu a necessidade usufruirmos de todos os direitos possíveis, como o acesso à educação, por exemplo. Mas como ter acesso as demais políticas públicas, sem sermos reconhecidas sequer como sujeitas de direito? Foi nesse sentido e compreendendo sobre a importância de colocar o nosso corpo como um instrumento político dentro da sociedade que garantias mínimas foram conquistadas, como é caso do uso do nome social. O Brasil é o único país do mundo onde, no vácuo de uma legislação geral, instituições garantem um direito negado globalmente. Aqui transmutamos o respeito à identidade de gênero em “nome social” (Berenice Bento, 2014).

Considerando essa garantia mínima como um marco para o acesso de pessoas trans e travestis ao ambiente educacional, buscaremos refletir sobre o porquê de ainda, mesmo depois de tanto tempo, precisamos de ferramentas que reforçam a ideia de cidadania precária Bento (2014) para permanecermos em espaços que são nossos por direito. E ainda assim com essa suposta cidadania adquirida, continuamos sendo expulsas e violentadas cotidianamente. Mas claro, sem deixar de pontuar que essa ferramenta foi o que nos manteve vivas e lutando por melhores condições de permanência.

E como pensar nessa sobrevivência dentro dos espaços nocivos a corpos que fogem da cisgeneridade e da cis-heteronormatividade, como é o caso da matemática? Não se pensava. As investigações em Educação Matemática em relação às minorias sociais ainda é um campo em aberto quando olhamos para o recorte das sexualidades, ou mesmo do gênero, que não tem considerado pessoas transexuais nas pesquisas da área, por exemplo Reis e Esquincalha (2022).

Desta forma buscaremos mostrar como essas manifestações organizadas, a partir da iniciativa de travestis que lutavam por saúde, fizeram valer a demarcação dos ambientes escolares e sobretudo aqueles que jamais poderiam ser visualizados. Traremos vivências que tornam essa possibilidade mensurável e deslocaremos pontos de vistas dentro dos diversos ambientes onde isso acontece, para publicizar o debate sobre a presença de pessoas trans e travestis na matemática e as contribuições para quebra de paradigma que isso proporciona.

Explanaremos sobre como essas presenças movimentam esses espaços e produzem discursos favoráveis e desfavoráveis causando inúmeras situações de inclusão, exclusão, bem como agressões que acabam por reverberar a intencionalidade da não permanência dessas pessoas nesses lugares.

Dentro da diversidade de entendimentos e sobre as suas presenças em lugares que desenvolvem conhecimentos destacamos o Transfeminismo, uma vertente do feminismo que empodera vivências de travestis e transexuais, por pesquisadoras trans e travestis, onde aqui destacamos Jaqueline Gomes de Jesus (2014) e Letícia Carolina Nascimento (2021) e que teve um papel importante para a permanência dessas pessoas nos ambientes escolares e acadêmicos.

Refletiremos sobre o papel da em Educação Matemática, a partir da Virada Sociopolítica em Educação Matemática nos contextos de luta e no cotidiano dos espaços de



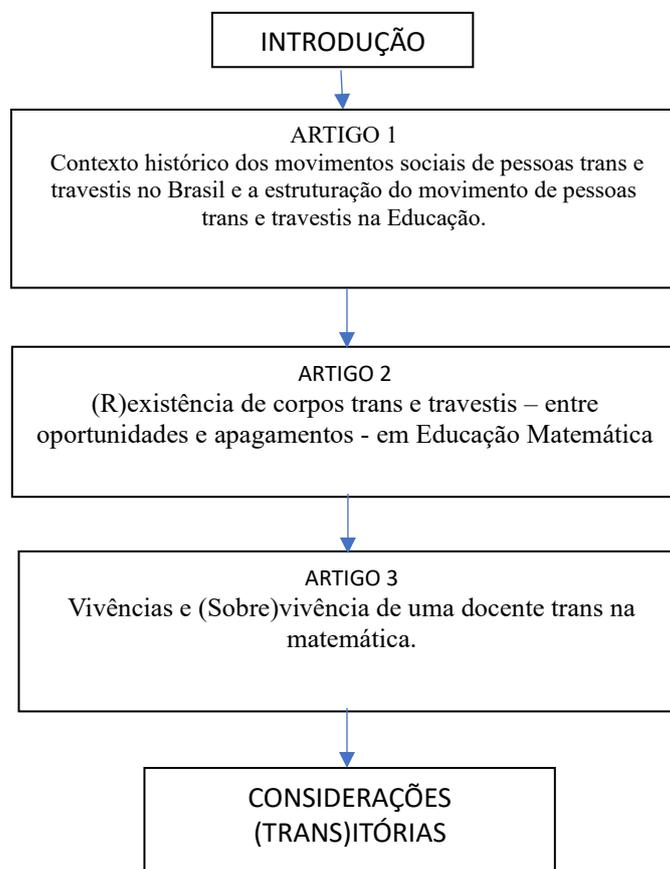
aprendizagem, como instrumento que potencializa a participação e que amplia as possibilidades de existências diversas, assim como reflete Rochelle Gutiérrez (2013), que aponta uma mudança na perspectiva teórica e nos princípios que veem o conhecimento, o poder e a identidade como entrelaçados e decorrentes de (constituídos dentro de) discursos sociais.

Para isso articularemos os Estudos de Gênero em Educação Matemática, que é um campo em ascensão, enquanto possibilidade da Virada Sociopolítica em Educação Matemática, para pensarmos sobre as presenças de pessoas trans e travestis e como suas presenças refletem a diferença nos contextos diversos onde a matemática é desenvolvida, assim como apontam (Reis e Esquinalha 2022, p. 64): “Estudos de Gênero e Sexualidades, começa a encontrar seu espaço na Educação Matemática brasileira, contando com pesquisas em andamento em várias regiões do país, associadas, em geral, aos campos do currículo e da diferença e inclusão”.

Complementando a estrutura da escrita, escolhemos dar espaço para as narrativas de pessoas trans e travestis na/da matemática, que subvertem, cotidianamente, todas as formas de preconceito, discriminação e expulsão/exclusão. Tornando o ambiente onde estão mais diverso e plural. Para isso, traremos considerações sobre narrativas e narrativas autobiográficas, como forma de compreender, a partir das atividades investigativas, o posicionamento e os elementos significativos de suas vivências e experiências nos diferentes espaços de socialização. Entendendo e dando a importância para todos os processos e barreiras que essas pessoas são submetidas.

Desta forma e tentando apresentar o escopo inicial da pesquisa, a seguir trouxemos o esquema 1, ilustrativo dessa organização:

**Esquema 1**





#### 4. Considerações Finais

Pensar em corpos trans e travestis como pessoas que constroem lutas e de potenciais motivadores de subversão é compreender a importância da diversidade na Educação Matemática. Esse recorte introdutório da pesquisa nos faz refletir sobre o quão importante é trazer essa temática para o mundo. Não somente pelos apagamentos históricos contra nossa população, mas pelo nosso direito de sermos o que quisermos e estarmos onde quisermos.

Neste texto buscamos apresentar ideias iniciais sobre a proposta de tese em desenvolvimento, apresentando as intenções e o porquê da escolha do tema bem como os movimentos iniciais sobre como serão elencados cada um dos artigos. Acreditamos que por se tratar de uma temática ainda não explorada na Educação Matemática, poderemos articular as reflexões de forma assertiva afim de proporcionar um maior impacto com ajuda de outras referências que poderão se somar com as aqui já apresentada.

#### Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

#### Referências

- ANDRADE, L. N. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa* / 278 f. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012.
- ANTRA. *Relatório de Assassinatos e Violências de Travestis e Transexuais Brasileiras*. Antra, 2022. Disponível em <https://antrabrasil.org/assassinatos/> » <https://antrabrasil.org/assassinatos/> Acesso em: 14/06/2024.
- BENTO, B. *Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2013, pp.165-182.
- BRASIL. *Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional*. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm) Acesso em: 14/06/2023.
- BRASIL. *Define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares*. <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/61941-nome-social#:~:text=Parecer%20CNE%20FCP%20n%C2%BA%2014,e%20transexuais%20nos%20registros%20escolares> Acesso em 14/06/2023.
- D'AMBROSIO, U. (2020) *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ESQUINCALHA, A. da C. (2022) *Estudos de Gênero em Educação Matemática: tensionamentos e possibilidades*. Brasília: Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM.
- FRANK, A. G. *Formatos alternativos de teses e dissertações*. Blog Ciência Prática. Tema: Ciência prática, 2013.



- GUSE, H. B.; WAISE, T. S.; ESQUINCALHA, A. da C. *O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula?*. Revista Baiana de Educação Matemática, v. 1, p. e202012, 20 nov. 2020.
- JESUS, J. G. de. *O protesto na festa: política e carnavalização nas paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT)*. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- GUTIÉRREZ, R. The Sociopolitical Turn in Mathematics Education. *Journal for Research in Mathematics Education*, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 37–68, 2013.
- JESUS, J. G. de. (2014) *Transfeminismo: Teorias e Práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia Editora.
- NASCIMENTO, L. C. P. do. (2021) *Transfeminismo*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra.
- SILVA, J. B. C. (2021) *Bajubá Odara: resumo histórico do nascimento do movimento de travestis no Brasil*. Piauí: Picos.
- SOUZA, E. P., SILVA, F. V. (2021). Gênero e sexualidade na formação continuada de professores/as de matemática: Um relato de experiência. In SANTANA, K. F. SILVEIRA, E. L. (org.): *Educação, linguagens e ensino: Saberes interconstitutivos*. 1. (p. 50-61).
- SOUZA, E. P. *Quando a gente consegue aquilo que colocamos como objetivo, acabamos revolucionando: trajetórias de êxito escolar de professoras trans e travestis em Fortaleza - CE*. 100f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ensino) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Mossoró, 2022.
- OLIVEIRA, M. R. G. de. *O diabo em forma de gente : (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Tese – Doutorado (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná – Paraná, 2017.
- PASSOS, M. C. A de. (2022) *Pedagogia das Travestilidades*. 1ª edição. São Paulo: Civilização Brasileira.
- YORK, S. W., OLIVEIRA, M. R. G., & BENEVIDES, B. *Manifestações textuais (insubmissas) travesti*. Revista Estudos Feministas, 28(3), e75614. 2020.
- SKOVSMOSE O. Interpretações de Significado em Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 32, n. 62, p. 764-780, dez. 2018.